

fonte: 10 ESP

class.: 15

data: 29/11/94

pg.: 621

Educação é função dos agentes de ecoturismo

Já foi o tempo em que subir montanhas distantes, viajar no lombo de elefantes, deslizar por caudalosos rios em botes infláveis ou caminhar por paisagens inesquecíveis era privilégio de poucos aventureiros. Hoje a indústria do turismo já é a maior do mundo empregando mais de 120 milhões de pessoas em todo planeta, e dentre todos os segmentos o de turismo ecológico, ou de aventura, é o que mais cresce representando cerca de 20% do setor. A população das grandes cidades, sufocada pelo baixo padrão da vida urbano, busca no harmonioso contato com a natureza uma forma de relaxamento.

Não há como negar que o nosso planeta passa hoje por graves problemas ambientais como desmatamentos, extinção de várias espécies animais e vegetais, grande quantidade de lixo produzido e o esgotamento dos recursos naturais. É latente a necessidade de se rever padrões de consumo exageradamente

elevados, a interação do homem com o meio ambiente e com a sociedade, e principalmente o conceito de desenvolvimento. De olho nestes novos paradigmas, foi realizado na primeira semana de novembro, na ilha da Tasmânia, na Austrália, o 4º Congresso Mundial de Ecoturismo e Viagens de Aventura, com mais de 500 congressistas. Entre eles, operadores de turismo, representantes de ONGs e de governos e educadores de 22 diferentes nações que se reuniram para discutir o papel do ecoturismo neste processo.

A grande questão levantada foi: de que maneira o turismo ambiental conseguirá conciliar seus interesses financeiros com seu dever conservacionista? A crescente procura por esse tipo de viagem leva milhares de pessoas a terem um contato direto com a natureza, passando a interagir no seu ciclo natural. Cresce

o número de agências e operadores, e a cada dia novas áreas, antes intocadas, precisam ser abertas ao público. Comunidades primitivas começam a ser visitadas e culturas históricas passam a sofrer influência de novos hábitos trazidos pelos turistas.

Um ponto em que todos concordaram é que somente com a participação efetiva de todos os setores envolvidos, e principalmente através da educação e conscientização, um turismo sustentável poderá ser atingido. O papel de liderança do governo no estabelecimento de normas e diretrizes de conduta é fundamental. Estimular pesquisas de capacidade de carga das trilhas e de mínimo impacto às áreas de visitação; criar manuais de conduta para os guias, além de de-

seenvolver propagandas informativas que produzam demandas apropriadas; e principalmente uma mudança de mentalidade se faz necessária para viabilizar as parcerias com empre-

sas privadas, ONGs e fundações.

Mas a grande responsabilidade está nas mãos dos operadores e agentes de viagem. Nós temos a obrigação de preparar o cliente para uma nova concepção de turismo: de mínimo impacto, com grupos pequenos e altos custos. E mais do que tudo, fazê-los entender o perfeito ciclo da natureza e os conseqüentes problemas que a chegada do homem podem causar ao meio ambiente. Desta forma, ele saberá que deve conhecer para preservar.

Deste congresso ficam algumas conclusões: muitas coisas precisam ser feitas, mudanças são necessárias e nós, que somos profissionais da área, precisamos ter uma atitude mais responsável e fiel aos objetivos no nosso trabalho.

■ *Ricardo Moraes é gerente da agência de ecoturismo Naturismo e cursa pós-graduação em Turismo Ambiental no Senac*

População das grandes cidades busca relaxamento no contato com a natureza